

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Força de Aula

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260005>

Submetido em: 2026-10-16

Postado em: 2026-10-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Força de Aula *Class Strength*

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho

<https://orcid.org/0000-0002-8618-2137>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

luizf.medeiros@yahoo.com.br

Submissão: 03/08/2026

Aceite: 18/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de IA:

Não foi usada Inteligência Artificial.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

Resumo

Relato testemunho de uma experiência de transformação intelectual e profissional motivada pela ação do magistério do teórico, crítico literário, poeta e romancista Silviano Santiago, no ano de 1975, e que disseminou a partir de então até o presente novas configurações de ver e produzir cultura e literatura brasileira.

Palavras- chave: Posterioridade. Desconstrução. Glossário. Silviano Santiago.

Abstract

A testimonial account of an intellectual and professional transformation driven by the teaching of theorist, literary critic, poet, and novelist Silviano Santiago in 1975, which has since disseminated new ways of viewing and producing Brazilian culture and literature up to the present day.

Keywords: Posterity. Deconstruction. Glossary. Silviano Santiago.

O ano era 1975. Em janeiro começou o curso de nivelamento para o mestrado. Na sala entrou um professor recém-chegado dos Estados Unidos, Silviano Santiago. Logo na primeira hora, percebi que estava diante de uma síntese dialética de tudo o que esperava como fundamento reflexivo. Ali estava um grande Mestre proferindo suas primeiras lições na PUC-Rio. Silviano chegara em 1974. Já havia lecionado na PUC-Rio. Mas aquele curso de nivelamento, em janeiro de 1975, e o primeiro semestre deste mesmo ano, marcaram definitivamente a trajetória intelectual e profissional de 21 alunos por toda a vida.

Silviano ministrava as aulas com rigor absoluto, analisando poemas de Drummond a partir de um ensaio que escrevera intitulado *A circulação do poema sem poeta*. Naquele ensaio inédito havia a prefiguração do salto pós-estruturalista. Naquele primeiro momento, Silviano era muito atento em desenvolver uma pedagogia da atenção dos alunos ao texto. Era muito rigoroso com o aluno desatento. Chegou a cunhar duas metáforas para essa pedagogia da atenção. Quando o aluno se manifestava fora da interpretação requerida, Silviano o interpelava com a expressão: “- Acorda, patativa!”, numa elíptica e nunca explicitada referência a uma canção famosa de Vicente Celestino. A outra intervenção, um pouco irritada, era quando o aluno, ao iniciar a apresentação de um fichamento, demorava-se em justificativas por não ter estudado muito ou não ter desenvolvido melhor o assunto. Ao que Silviano interferia, com uma metáfora da escrita: “- Sem prefácios!” Essa pedagogia do rigor pela atenção surpreendentemente rendia enormes efeitos benéficos. Todos passaram a se concentrar mais e se matricularam no semestre que começava. E um semestre que verticalizava e enfrentava os desafios da

crítica literária e da filosofia contemporânea: estudamos Foucault, Barthes, Sarah Kofman e Jacques Derrida.

A leitura de Foucault me deu a segurança metodológica para interpretar o samba de Ismael Silva, anos depois, já tendo Silviano Santiago como meu orientador. Ainda neste semestre de 1975, o desafio maior era ler a obra de Jacques Derrida. Ao final do semestre, Silviano propôs à turma de 21 alunos a escrita de um glossário sobre o filósofo Derrida, para tornar mais acessível o contato do leitor com as obras. Silviano agia naquele momento como o primeiro intérprete e introdutor do pensamento de Jacques Derrida no Brasil. Estávamos diante de uma virada metodológica da crítica literária, agora com um enfoque pós-estruturalista. Com a conferência em Maryland, sobre a estrutura, o signo e o jogo, Derrida fechava o ciclo do estruturalismo, conforme reconheceu Roland Barthes que estava lá, em Maryland. Assim nasceu, em agosto de 1975, o *Glossário de Derrida*, com supervisão de Silviano Santiago. Com a iniciativa de propor a escrita de um glossário, Silviano nos incentivava à escrita. Vale a pena transcrever a Introdução ao *Glossário*, redigida por Silviano, em agosto de 1975. O livro seria publicado em 1976.

Os textos de Jacques Derrida apresentam um encadeamento conceitual dos mais curiosos: uma vez apresentado e definido o termo, o autor volta a usá-lo em outros lugares (em outros livros) com uma semcerimônia absoluta. Isto é, emprega o termo de novo sem tomar as devidas precauções de clareza que ajudariam - e muito - um leitor principiante. Tendo, portanto, perdido o momento da inscrição e definição de um termo, o leitor ficará literalmente no ar diante desse vocabulário que lhe parecerá (então) hermético, muito além do seu conhecimento e argúcia. Tal dificuldade se soma ao fato de que a construção da frase de Derrida não é sempre a mais cartesiana, embora sua sintaxe tenha a lógica do impecável que, em prosa francesa, era antes único privilégio de Mallarmé. Por fim, diga-se que o gesto básico dos textos de Derrida articula um agressivo questionamento dos pressupostos históricos sobre que se apoia o discurso da metafísica ocidental. Tal gesto se traduz por uma constante violência contra a interpretação clássica de certos livros, contra o uso indiscriminado de certos conceitos e sobretudo contra a “ingenuidade” filosófica da maioria dos chamados autores estruturalistas. (Glossário, p.5).

Através da seleção feita, de modo aleatório e anônimo, a mim calhou redigir o verbete *Posterioridade (Après Coup)*, que seria muito mais tarde o trampolim gráfico de meu trabalho constante com a escrita. Assim, com o Glossário de Derrida, eu entrava para a escrita publicada e seus desafios futuros. Ainda não podia perceber o valor profético dessas breves linhas. Transcrevo o verbete:

Termo usado por Freud para designar uma temporalidade específica do aparelho psíquico, que reconstitui *a posteriori* o sentido de uma determinada experiência vivida, cujo significado é construído numa releitura dos traços mnésicos. O significado desta experiência não se dá no momento do acontecimento, nem tampouco através de uma percepção consciente. As cenas do passado atuam de maneira diferida, como suplemento, num tempo que não é mais o determinismo do tempo da mecânica. (Glossário, p.70).

A minha interpretação, hoje, é a de que eu estava inscrevendo naquele verbete todo o desenrolar de minha formação e trajetória profissional futura. Em 1978, defendia minha dissertação de mestrado sobre a obra do compositor Ismael Silva, sob a orientação de Silviano Santiago. Em 1980, publicava pela Editora José Olympio *Ismael Silva: samba e resistência*, uma leitura foucaultiana e freudiana da obra de Ismael Silva. Em 1979, entrava no doutorado e passei a seguir todos os cursos de Silviano Santiago. Com ele estudei sobretudo a obra de Euclides da Cunha e a do poeta Murilo Mendes. Eu já tinha uma certa intimidade com a obra de Murilo, através das pesquisas que desenvolvi junto ao grupo criado pela notável Eliane Zagury, que organizou e prefaciou a edição de Poliedro, de 1970. Silviano Santiago ministrou um curso muito denso sobre a obra do poeta Murilo, que me influenciou a tal ponto que, ao fim do ano de 1980, iniciava novas pesquisas sobre a vasta obra de Murilo e que me levaram a defender uma tese de doutorado, construída e interpretada sob a ótica dos filosofemas de Jacques de Derrida. E de novo sob a orientação de Silviano Santiago.

O tempo urdiu a transformação a partir daquele verbete profético. Estava adensando os meus caminhos através daquele semestre fundador, com um orientador fundador. Silviano era realmente um fundador. Formou, com seu ensino, na PUC-Rio e posteriormente na UFF, uma enorme geração de professores e críticos literários presente em todos os estados do Brasil. Tinha uma profunda consciência de seu papel como professor e desenvolvia métodos e estratégias com domínio extraordinário do espaço da sala de aula. Nunca sentava. Sempre exercia a sua transmissão com uma dinâmica de movimentação pelo espaço largo e extenso da sala de aula. Como um palco. Silviano exercia o seu papel movimentando-se incessantemente de um lado para o outro e fazendo inscrições no quadro e recorrendo a muitos livros que trazia numa bolsa. O seu trabalho com o quadro era em nível de uma atividade plástica. A sua inscrição no verde ou branco era uma experiência grafemática de criação de blocos de raciocínio que obedeciam a uma inteligência pictural. Ao final de cada aula estávamos diante de uma obra de arte cognitiva.

Em 1986, defendi a minha tese de doutorado e em 1987 obtive a minha aprovação junto à CAPES para fazer pós-doutorado com Sarah Kofman e com Jacques Derrida, dois filósofos que aprendi a conhecer nas aulas de Silviano Santiago. Silviano prestou enorme ajuda apresentando e solicitando a dois grandes amigos que me recebessem em Paris, Dionísio Toledo e Rhéa Toledo. Deonísio Toledo era o famoso tradutor para o português da Teoria dos Formalistas Russos. Foi Sarah Kofman quem me deu a carta de aceitação. Posteriormente, Derrida escreveu duas cartas de aceitação. Como Sara Kofman estava nos Estados Unidos, naquele janeiro de 1988, fui direto ao Seminário de Derrida sobre nacionalismos filosóficos, na Rue d'Ulm, oferecido às quartas-feiras, na École Normale Supérieure. Por esse tempo, Derrida intencionalmente não se deixava fotografar pela mídia. De modo que eu não conhecia nem seu rosto, nem sua. Entrei no grande salão por uma porta que ficava ao lado

do conferencista, e mais que depressa dirigi-me ao fundo sempre de costas. Enquanto buscava uma poltrona fui ouvindo aquela voz e percebendo pela sintaxe das frases que aquele proferimento me era totalmente familiar, porque tinha lido todos os livros de Derrida até àquela altura. E tinha conversado muito com Silviano sobre aqueles livros, enquanto redigia a tese de doutorado. Quando finalmente me sentei, olhei de frente o conferencista. Ali estava o filósofo Jacques Derrida.

Quando voltei do pós-doutorado assumi com segurança os cursos da pós-graduação em Letras da UFF. Silviano, nesse tempo, era professor e Coordenador da pós-graduação da Letras na UFF. Com seu incentivo, convidei Sarah Kofman para vir ao Brasil. Kofman ministrou um curso de um mês sobre a *Genealogia da Moral*, de Nietzsche. Em 1994, voltei a estudar com Sarah Kofman e Derrida, dessa vez com carta de aceite do próprio Derrida, que se tornou meu diretor de estudos, expressão que ele adotou para nomear os nossos encontros com Kofman, os quais foram uma experiência muito forte. Assisti às aulas na Paris I sobre Nietzsche e jantei inúmeras vezes em sua casa. Pude ler os originais do seu último livro, *Rue Ordener, Rue Labat*, uma narrativa autobiográfica de como a menina Kofman assistiu ao seu pai ser preso pela polícia francesa e depois ser deportado para Auschwitz. O livro é uma narrativa de formação da menina que depois se tornaria filósofa e que, naquele instante da prisão do pai, precisou fugir com a mãe e os cinco irmãos pelas ruas Ordener e Labat. Num bar, tomando chope com Kofman, pedi autorização para traduzir o livro para o português do Brasil. Ela aceitou com a condição de que eu lesse os originais naquela noite. Eu li os originais e ela aprovou a tradução, que foi editada muito mais tarde, após o meu novo pós-doc com Jacques Derrida, em 1997. Em 2001, saía publicado pela Editora Caetés o livro *Rua Ordener, Rua Labat*, traduzido por mim e pela professora e poeta Paula Glenadel, com revisão final de Maria Cristina Ferraz, outra ex-aluna de Silviano Santiago, que teve Sarah Kofman como orientadora de doutorado.

Por acaso, ou por força da experiência de Silviano como anfitrião da filósofa na UFF, naqueles idos de 1991, Silviano assistiu a um curso de Kofman em Paris I. A minha experiência de seguir o seminário de Derrida sobre a hospitalidade foi a mais radical possível. A partir desse seminário, me dediquei a escrever sobre formas de herança e de convivência com os escritos do grande parceiro e acolhedor, Jacques Derrida. Duas heranças, portanto. Herdeiro do envio de uma trajetória de formação em Derrida e Sarah Kofman, consignada e devida ao magistério e orientação de Silviano Santiago. E herdeiro do acumulado de seminários de 1988, 1991, 1997, entrevistas, leituras e escritos sobre a obra do grande filósofo Jacques Derrida. Em relação a Derrida, o acumulado se deu pela dinâmica de antecipação (*prevenance*), e estocagem do que foi lido e será lido para além da vida do filósofo, numa *assombração* benfazeja, um assombramento que nos acompanha e nutre. Com Silviano, sigo lendo e escrevendo sobre os seus livros. Em 2002, publiquei um ensaio sobre o romance *Uma história de família*, de Silviano Santiago. Nesse ensaio convergem os filosofemas de Derrida e a escrita criativa

de Santiago. No ensaio, retorno ao conceito de posterioridade, relido também por Derrida, para analisar um personagem, o Dr Marcelo, que se recusa inicialmente, através de uma entrevista gravada, a contar ao narrador do romance sua versão de fatos vividos no interior de Pains, cidade próxima de Formiga, onde nasceu Silviano. Posteriormente, o Dr. Marcelo envia uma carta na qual desenvolve sua interpretação.

Agora chego ao livro de João Pombo Barile. Um magnífico livro, um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago que narra a história do Brasil, através da narração da vida pessoal de Silviano e do processo de pesquisa e escrita do livro feitas pelo próprio autor do livro, através de cortes narrativos em que o autor, João Barile, insere anotações das viagens que fez de Belo Horizonte ao Rio para fazer entrevistas com Silviano, mas também inserções no estilo de um diário de impressões de como se desenvolveu a sua escrita biográfica. Remeto o leitor a inúmeras passagens em que o relato do pesquisador João Barile cruza-se com o relato da minha experiência de ter sido orientando de Silviano Santiago.

De alguma forma, a estratégia assumida pela personagem do Dr. Marcelo, no romance *Uma história de família*, está presente nos depoimentos concedidos ao entrevistador, não através do expediente da carta, mas pela tensão provocada pelo depoente, com o fim de não transformar o relato autobiográfico numa fluidez confessional, submetida ao exercício hierárquico da voz demandante e, inevitavelmente, fonocêntrica. O que não aconteceu e resultou num ensaio autobiográfico altamente original e surpreendente.

No dia 10 de setembro de 2026, na Pinakothke da rua São Clemente, 300, no Rio de Janeiro, houve o lançamento do livro *XXXV Silviano por Hélio Oiticica*, um livro de poemas concretos produzido nos anos 70, extraviado e só agora encontrado e editado. Nele, Silviano Santiago dialoga com o Concretismo, reflete sobre a cultura brasileira em meio a uma visão crítica da política norte - americana. Encontra na metáfora do jabuti, a imagem de luta e incorporação da pressão cosmopolita para a formação de uma diferença que constitui o ser brasileiro:

“O jabuti que só possuía uma casca branca e
mole deixou-se morder pela onça que o atacava. Morder tão fundo que a onça ficou
pregada no jabuti e acabou por morrer. Do
crânio da onça, o jabuti fez seu escudo” (XXV Silviano Santiago por Hélio Oiticica)

Nessa noite do lançamento, prestes a fazer 90 anos, Silviano recebeu os amigos com a lucidez de sempre e de quem segue abraamicamente em frente, pisando firme a terra. Seguir em frente, eis a meta.

Referências

BARILE, João Pombo. Presente do acaso- um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.

CARVALHO, LFM. Literatura e promessa. Niterói: EdUFF, 2002.

DERRIDA, Jacques. Répondre – du secret. Séminaire(1991-1992). Paris: Seuil, 2024.

Kofman, Sarah. Rua Ordener, rua Labat. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2002.

SANTIAGO, Silviano. Glossário de Derrida. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.

SANTIAGO, Silviano. Uma história de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago por Hélio Oiticica/ Silviano Santiago; [editado por] Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 2026.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.